

908.469.331/sil  
CMCD  
azul

INTRODUÇÃO

# VALE DE HOMEM

**AUTORES:** Armando Dinis da Silva  
Maria Manuela Jesus Guimaraes  
**FOTOS:** Rui Manuel Guimaraes Dinis

331

VILA VELHA DE RÓDÃO  
RE. 3416

VALE DE HOMEM é uma pequena aldeia que pertence à Freguesia de Sarnadas de Ródão, concelho de Vila Velha do Ródão e Distrito de Castelo Branco.

A descapitalização humana começa a fazer-se sentir com a revolução industrial na década de 1960/1970, com especial incidência na população activa. A Guerra do Ultramar e a emigração são também factores que levaram à desertificação das localidades da Beira Baixa. Vale de Homem não fugiu à regra, sendo hoje uma terra abandonada, onde ainda residem e trabalham homens e mulheres que teimam em agarrar-se às raízes dos seus antepassados.

O que resta daquele recanto maravilhoso, são umas trinta pessoas, tendo a sua maioria para mais de setenta anos. Crianças não se vêem, excepto durante as férias escolares.

As casas velhas feitas de xisto e barro, sinónimos de vida dura, não alteraram a humildade e a educação dos seus habitantes que conservam histórias e lendas dos avós. Com eles aprenderam a trabalhar, a rezar, a cantar e a cozinhar os alimentos e doces caseiros.

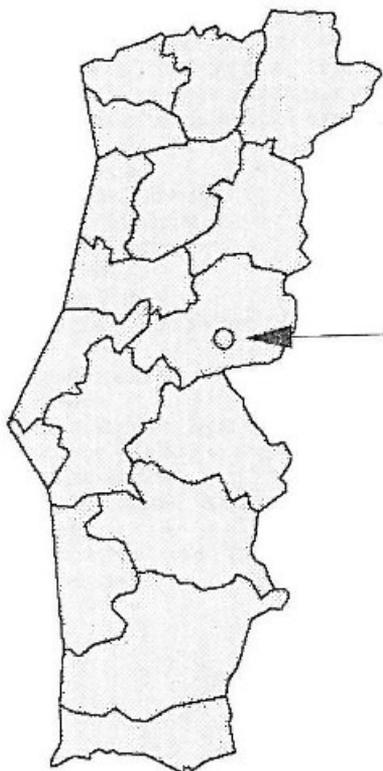
Esta "monografia" que vos é apresentada e que tivémos o maior prazer em elaborar, tem como objectivos principais:

- Homenagear a gente boa e honesta de Vale de Homem.
- Dar a conhecer às Autarquias Locais do Concelho de Vila Velha de Ródão, Distrito de Castelo Branco, as enormes potencialidades que a Beira Baixa possui para um desenvolvimento virado para o turismo interior e a grande oportunidade das populações citadinas fugirem ao stress.

Vale de Homem, 30 de Novembro de 1992

Armando Dinis da Silva  
Maria Manuela Jesus Guimarães  
Rui Manuel Guimarães Dinis





VALE DE HOMEM  
Distrito: Castelo Branco

## VALE DE HOMEM

VALE DE HOMEM fica a 500 metros da Via-rápida Abrantes-Castelo Branco. Num círculo entre 1 e 3 quilómetros situam-se os rios Ocresa (3kms) e Ribeirão (1,5 km), as localidades de Vale da Pereira (3Kms) e Rodeios e ainda os Caminhos de Ferro (1Km).

O nome de Vale de Homem surge e ganha forma, pelo facto de, antigamente, viver, num vale, um homem só.

Na aldeia vivem, actualmente, cerca de trinta pessoas, quando em tempos áureos, a população ascendia a mais de trezentos.

A toponímia da localidade inclui seis pequenas ruas; são elas:

- Rua Central
- Largo das Covinhas
- Rua da Soalheira
- Rua do Perdigueiro
- Rua Nova
- Rua da Fonte
- Rua dos Castanheiros

O povo está rodeado, essencialmente, por hortas, oliveiras, sobreiros, pinheiros e mato.

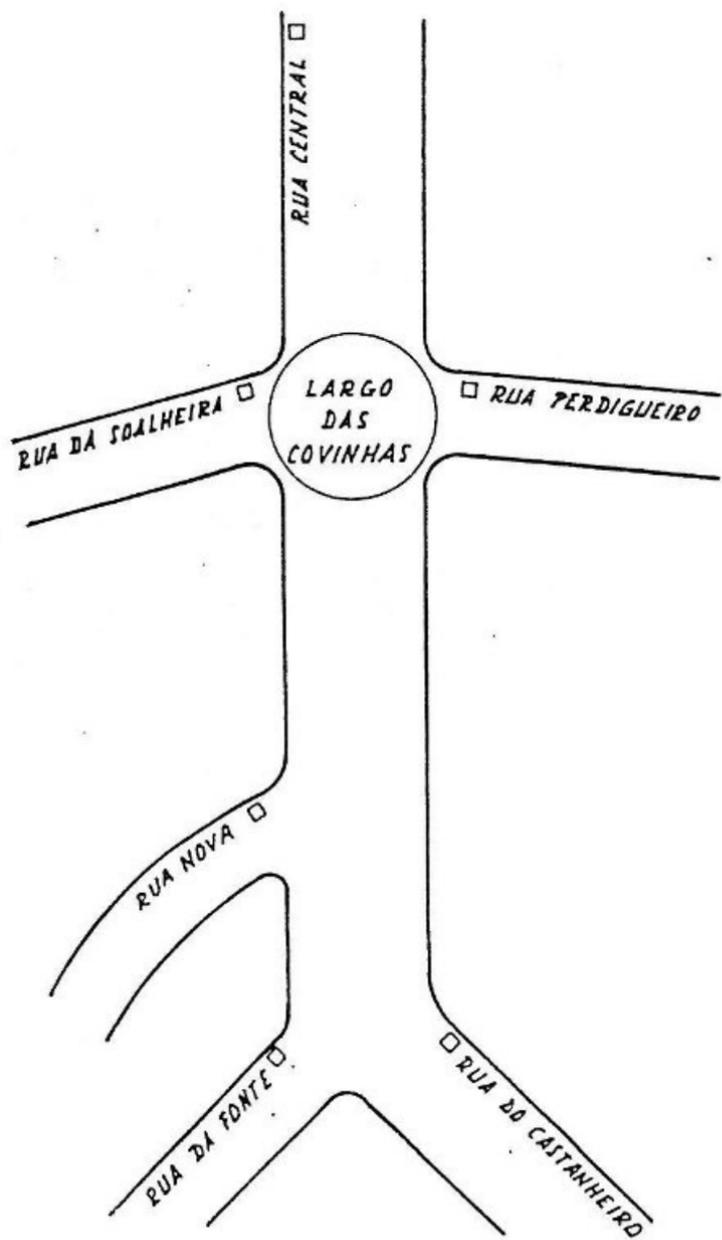
Possui electricidade, água canalizada e arruamentos.

Tem telefone público e transportes rodoviários para Vila Velha de Ródão e Castelo Branco.

O vinho, enchidos, azeite, azeitonas e queijo são as principais especialidades.

A água da mina, é de "pureza" tal que as gentes de fora se dão ao luxo de a ir buscar.

TOPONÍMIA  
VALE DE HOMEM  
(CASTELO BRANCO)



## NOSSA SENHORA DA PAZ

Capela do século XVII, reconstruída várias vezes, pertence a Vale de Homem e Rodeios. O mártir São Sebastião é o padroeiro de toda a freguesia e Santo António é o padroeiro dos moleiros.

Outrora, vinha gente de todo o lado, assistir às festas anuais da Nossa Senhora da Paz. Outrora a 24 de Janeiro passavam mais tarde para o último domingo de Julho. A missa era quase diária e aos domingos e feriados, homens, mulheres e crianças vestiam as melhores roupas, calçavam os sapatos engraxados e lá iam cumprir os deveres de filhos de Deus.

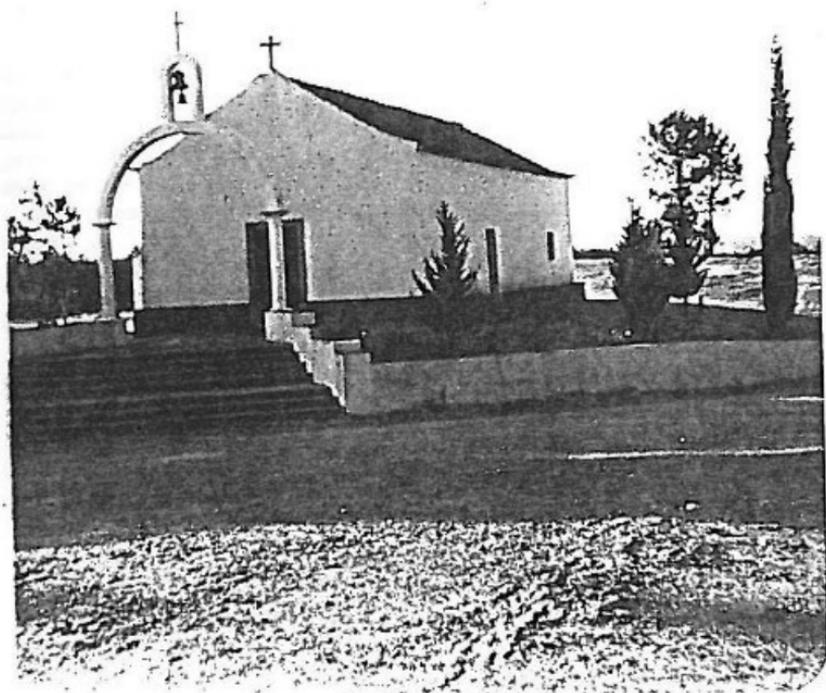
Hoje, a Capela só abre por encomenda, praticamente para celebrar missa por alma dos entes queridos falecidos.

A festa anual da Nossa Senhora da Paz resume-se à comemoração, abrilhantada por uma banda vinda do Retaxo ou Fratel, percorrendo as ruas de Vale de Homem e Rodeios. Às 16 horas, faz-se a Procissão à volta da Capela.

Findo o acto religioso, as populações locais e filhos vindos de longe com os seus cônjuges, netos e bisnetos juntam-se a conversar e comer as especialidades da região.

Durante um ano, o festeiro, homem ou mulher, encarregado de organizar a festa seguinte, começa a fazer contas e lá vai amealhando umas "massas" com rifas ou leilões que constam em ir com produtos agrícolas, de porta em porta, a ver quem dá mais por esta melancia ou por aquela abóbora!...

O festeiro de 1992 foi o José Manuel que tem os pais em Vale de Homem e reside em Castelo Branco.



Capela  
Nossa Senhora da Faz

## RIO OCRESA

O rio Ocreza que nasce na Serra da Gardunha, fica a três quilómetros da aldeia. Do alto da serra, pode observar-se a grandeza do rio que corre lentamente em direcção ao Tejo. No Verão, o rio deixa de ter caudal e ficam poços ou fundões onde os jovens mergulham e donde trazem presos nas mãos ou entre os dentes, majestosos barbos ou outros peixes mais pequenos.

Nos planaltos e vales, pode observar-se aquele belo paraíso repleto de flora e de "fauna".

Quem distraidamente está pescando, ouve por vezes um grito de milhafre, o restolho dum javali, ou uma raposa em corrida desenfreada atrás dum coelho.

Existe um projecto de barragem para aqueles sítios. Esperamos que traga progresso com respeito pelos silêncios milenários.



Rio Ocrea

## RIBEIRÃO

À ribeira que nasce na aldeia do Retaxo, próximo de outra linda aldeia que se chama Amarelos, quando chega a Vale de Homem, dão-lhe o nome de Ribeirão. Nasce em pequeno fio e vai engrossando serra abaixo até entrar no desfiladeiro ali perto do povo, seguindo em direcção ao Tejo, em Vila Velha do Ródão.

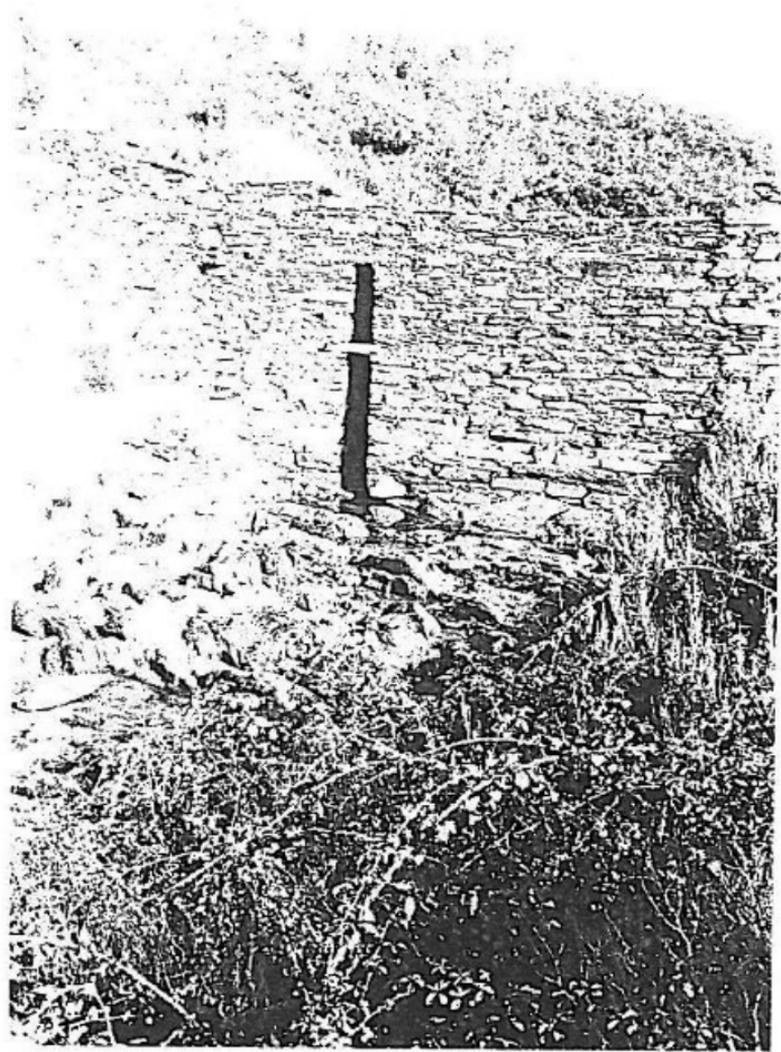
O Ribeirão é um autêntico espectáculo para os olhos ansiosos de sossego. Quem observar com olhos de ver aquelas enormes pedras nos valados, fica "aparvalhado". Como é que seres humanos à força de braços e alavancas de madeira, conseguiram transportar aqueles calhaus?! A escravatura existiu mesmo nestas bandas!...

Há um açude feito de pedra, de que os agricultores se serviam para regar as suas hortas e uma azenha em ruínas que espelha a vida difícil daquelas gentes que se deslocavam da aldeia em busca do pão!...

Descendo a ribeira, sente-se o cheiro das murtas com a sua linda flor branca que cai ao menor toque, em contraste com a dureza das terras. Vêem-se peixes de vários tamanhos durante o Inverno e Primavera. No Verão, fundões conservam peixes, cágados, rãs e cobras inofensivas que irão repovoar o ciclo seguinte.

Nas primaveras quentes pode tomar-se banho como se veio ao mundo, em lagos naturais.

Quem se "arrisca" de manhã cedo a ir para aqueles sítios e Vale da Pereira, monte com casas praticamente abandonado, sente o fervilhar da Natureza: - O uivo da raposa, o cheiro da terra remexida pelos javalis, o cantar das inúmeras espécies de aves, os texugos à volta das colmeias e o ar puro vindo das matas impenetráveis. Pelo caminho encontra-se frutos (figos, uvas, marmelos, peras, etc.) abandonados pelos antigos proprietários, que na sua maioria morreram, e seus herdeiros, que foram para as cidades "gozar" o cheiro das chaminés.



Muros - Açude no Ribeirão

## GENTES DE VALE DE HOMEM

Ao falar de Vale de Homem é fundamental lembrar as suas gentes, os seus usos e costumes. A população actual ronda os trinta habitantes:

### Celestino e Carminda

Ambos nasceram em Vale de Homem. Aqui casaram.

O Celestino trabalhou nos caminhos de ferro, tendo a esposa por companheira nos longos anos de operário. Reformou-se e dedica-se inteiramente à terra que o viu nascer. Cumpridor das tarefas familiares ainda tem tempo para dar uma mãozinha aos mais velhos. É ele que desanda em direcção à Junta de Freguesia de Sarnadas do Ródão ou à Câmara de Vila Velha de Ródão para apresentar as aspirações dos seus conterrâneos. Sente que as forças já não são as mesmas e era bom para a aldeia, aparecerem jovens que dessem continuidade ao trabalho feito por ele e outros.

Este casal cuida das hortas, apanha azeitona, selecciona alguma para retalhar e curtir. A restante é transportada para o lagar comunitário a fim de a transformar em azeite.

Há mais ou menos nove anos, deixaram as cabras, pois já não tinham vida para tratar delas, agora criam galinhas e patos para consumo próprio.

O Celestino ainda "pisa" quinhentos litros de vinho, cuida dos cortiços e dum burro que lhe serve para transportar o estrume, lenha e outros serviços.

Certo dia, a Carminda teve este desabafo:

- Há pessoas que pensam e dizem, que o Vale de Homem não tem futuro, morre juntamente com os velhos!... É mentira, desabafou. O Vale de Homem vai ser uma linda terra e nós, enquanto vivos, temos que alimentar essa ideia.

Bonito ouvir tais palavras motivadoras. Ela tem razão: as flores que cria no quintal e na horta são o exemplo vivo de como é possível tornar o mundo florido quando o ser humano persiste na caminhada da esperança e no crer.



Rua Principal

## Joaquim Nunes e Albertina

Casal apaixonante que vive na Rua do Perdigueiro. Ele foi maquinista nos caminhos de ferro, enquanto sua esposa cuidava da casa, filhos e horta. Reformados, dedicam-se ao amanho da terra. A sua filha Helena, casada com o Leonel, vive na Cruz de Pau - Barreiro. As duas netas (Catarina, futura advogada, e Filipa) são o encanto daqueles companheiros que teimam continuar a vida como se tivessem vinte anos.

Cuidam da horta, olival e desdobram-se na pastagem das suas cabritas. Na época das vindimas, o Joaquim Nunes, faz um vinho e uma aguardente de bradar aos céus!...

Quando alguém na aldeia adocece, o velho carro do Joaquim é transformado em ambulância e lá vai em direcção a Castelo Branco. Como seria benéfica a existência dum posto médico - queixam-se os necessitados quando surgem as doenças.

Do queijo, enchidos, azeitonas e outras especialidades encarrega-se a Albertina, enquanto o gato e a passarada, no quintal, se estudam mutuamente!...

## António Ribeiro

Deste homem poderá dizer-se que foi e continua a ser um mouro de trabalho. A ele se devem, entre outras obras, com esforço manual, as minas de Tavila e da aldeia que ama. As suas hábeis mãos construíram casas e muros de xisto. Nenhum ouro do mundo pesa e paga tamanho esforço.

A esposa Maria da Luz, lá vai amanhando a horta e cuidando da casa. O filho, José Manuel, que trabalha em jardinagem no Jardim de Castelo Branco, aparece aos fins de semana, com a esposa e filhas (Carla e Ana) para visitar e ajudar os pais que dali "nunca saíram" nem pensam sair.

## Soledade

Mãe do Abel, Joaquim, Carlos e Nazaré, é uma senhora viúva que tem, no rosto, a marca da dureza da vida, mas ainda trata da horta e das cabritas.

Seu filho Joaquim, que saiu da Fábrica de Celulose, dedica-se agora de alma e coração aos trabalhos agrícolas, utilizando o tractor e a motocultivadora como a querer dizer:

- Enquanto houver braços e máquinas, o Vale de Homem não morrerá!...



Rua do Perdigueiro

## José Dias

O senhor José Dias é a pessoa mais velha que actualmente vive em Vale de Homem e em toda a freguesia. Quem o diz é o próprio que em 15 de Novembro de 1992 fez 98 anos. Nasceu na aldeia dos Amarelos, também pertencente à freguesia de Sarnadas do Ródão.

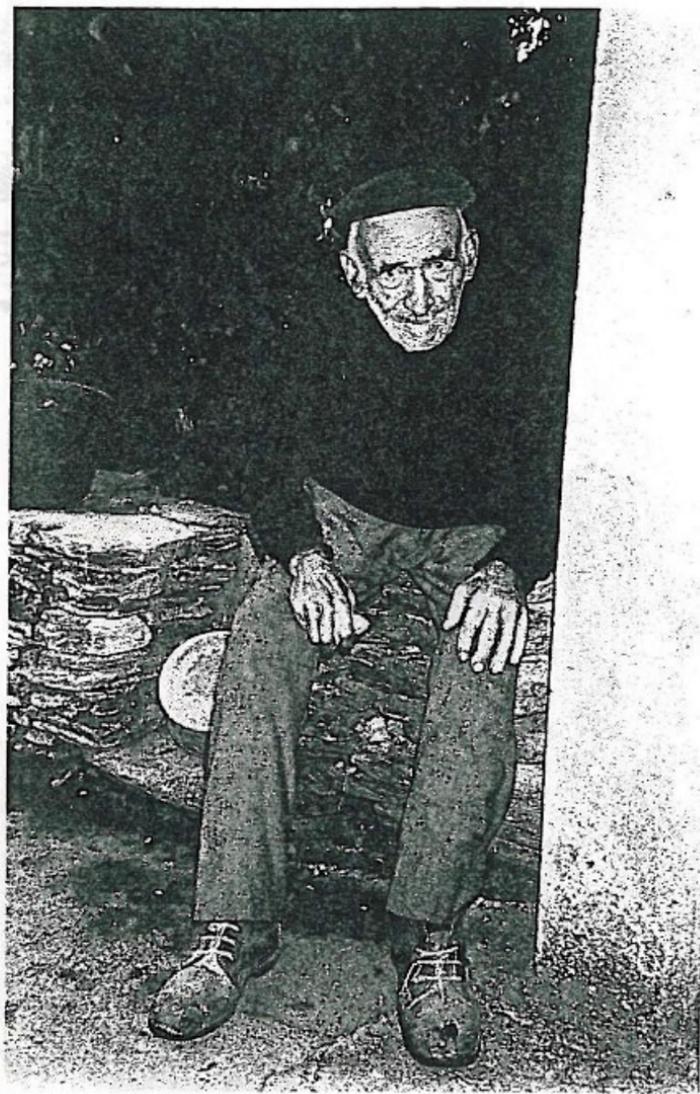
Tinha 26 anos, quando casou com Leonor Pires, falecida em 1975. O pai era dono de 94 alqueires de azeite, equivalente a 15 litros. Pai de seis filhos, em tempos idos fez das suas. Gaba-se de nunca ter tomado um comprimido e quando alguém da cidade lhe trouxe uma garrafa de coca-cola, ele provou e disse, por uma questão de simpatia, que a bebida era boa, mas para não trazer mais: o tinto era melhor e na sua ideia, não lhe fazia tão mal.

Quando cumpria serviço militar em Portalegre, ia e vinha a pé, por desvios e caminhos, a fim de se abastecer de carne, azeitonas e outros comestíveis que, por vezes, oferecia aos superiores para facilitar as saídas da caserna.

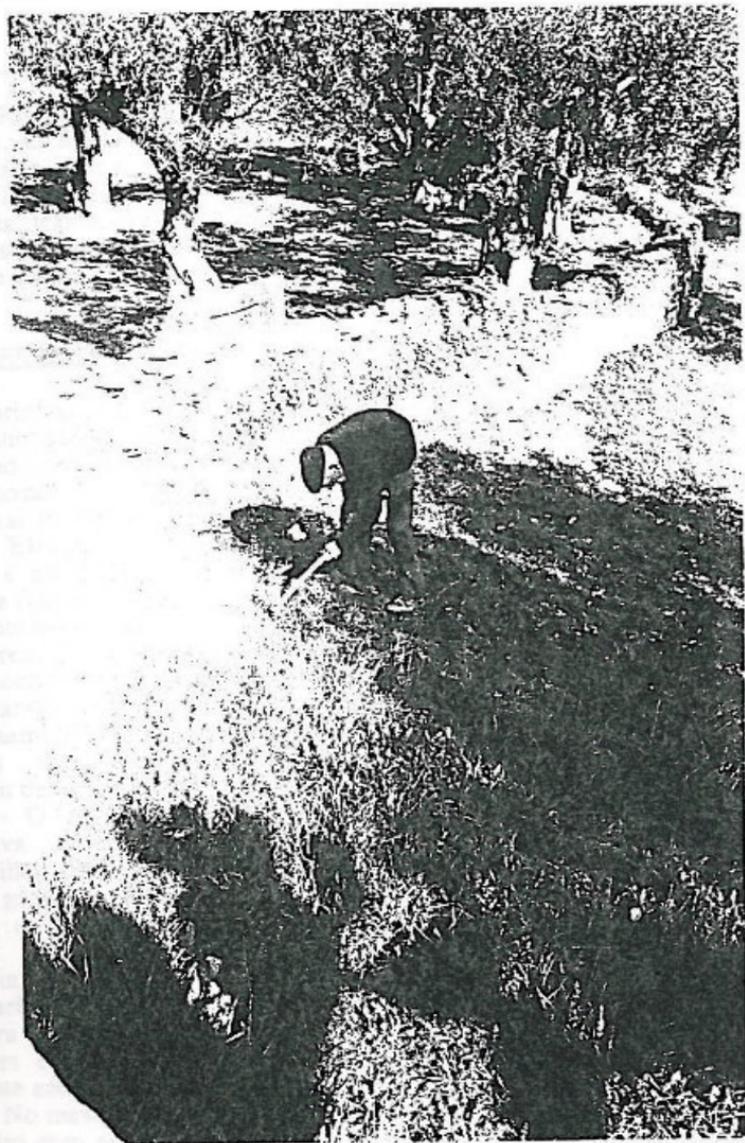
Conta várias histórias verdadeiras, como afirma, mas a melhor, é o relato da luta entre republicanos e monárquicos, no tempo em que as armas eram transportadas por carros de bois: - Um dia, no batalhão a que pertencia, estavam cheios de fome e, como avistaram uma aldeia ao longe, trataram logo de puxar pelas duas bandeiras (monárquica e republicana) para o que desse e viesse. Ele e outro foram à frente "apalpar terreno" para saberem qual a tendência política, só depois é que faziam o sinal aos camaradas para avançarem com a respectiva bandeira. Houve um engano e então foram corridos à granada pela população; passaram uma noite de fome e de frio.

O Senhor José ainda hoje cava e semeia, num só dia, uma área equivalente a trezentos metros quadrados. Reconhece que já lhe vão faltando as forças, mas faz os possíveis para se levantar todos os dias e ir à vida. Diz: - Se um dia ficar na cama, já não me ergo mais!...

Toda a vida ingeriu sardinhas, carne de porco, vinho e azeitonas. Nunca se sentiu mal.



José Dias - 98 anos



José Dias-trabalhando

### Manuel Joaquim e Maria da Piedade

Na Rua da Fonte, mora o Manuel Joaquim casado com a Maria da Piedade. O Manuel foi durante muitos anos Chefe do Distrito da CP. Reformado, como tantos outros, regressou às origens. Queixa-se de espondilose e até foi ao massagista a Lisboa. Este, de nome Manuel Marques, trabalhava no Sporting Clube de Portugal. A Piedade, também tem os seus problemas de coluna, mas, lá vai indo mais as lindas flores à volta de sua casa.

### Luis e Elisabete

Sobrinhos do Celestino, Carminda e Amaro, têm dois filhos, o Mário e o Nuno que são a alegria da aldeia, quando andam por lá, saltando e brincando com o cão que se chama "Poeta". Têm casa em frente dos tios onde passam os fins de semana.

Casal jovem, amanha um bocado de terreno que fica à entrada da aldeia. Eles apostam em plantar o máximo de qualidades de árvores de fruto e até o vão conseguindo. Para o efeito alargaram um pequeno açude e fizeram um furo.

Sentem-se como peixe na água. A alegria dos seus "rebentos" que percorrem o campo de manhã à noite, compensa, por si só, largamente, as deslocações da Cidade para o Paraíso!...

Quando os autores desta "brincadeira" falaram ao Luis do projecto, este chamou-os à atenção, pois não iam fazer referência da sua própria família nesta monografia. Foi-lhe dito que não é hábito os autores falarem deles próprios, mas pensando bem lá vai um resumo:

- O Armando tinha um grande amigo em Alvaiade, que se chamava Alves Mendes. Durante anos, este companheiro contou maravilhas do Concelho de Vila Velha de Ródão. Em conversa com um outro grande amigo Joaquim Cardoso, já falecido, disse-lhe que ia visitar o Alves Mendes e possivelmente ia lá comprar-lhe uma casa barata. Joaquim propôs a venda de uma sua casa em Vale de Homem. Combinado um dia lá partiu (com Manuela, os pais dela Manuel Guimarães e Maria Amélia e a alegria de todos, o Rui) em aventura à procura de Vale de Homem. Lá encontraram o Joaquim, sua esposa Ilda Mendes e seu querido filho Fernando, posteriormente falecido, num acidente estúpido, perto de Sacavém.

No mesmo dia foi feito negócio. O resto foi extremamente fácil. O contacto com as populações foi de tal ordem motivador que resolveram ficar e continuar. O filho, Rui, entusiasmado, comprou uma casa ao José Mendes e poderá vir a acontecer os primos seguirem-lhe o exemplo.

## António Fernandes

Casado com a Isabel Duque, tem 86 anos que mais parecem 68. Os filhos, Manuel Dias, Maria Alzira e Vitor Manuel, são o brilho radiante dos seus olhos. O Manuel Dias que está no Brasil contacta com os velhotes quase todos os dias através de rádio amador. Poderá ser que num belo dia de nevoeiro, ele regressasse às origens e invista na terra que o viu nascer.

António Fernandes em tempos idos, tinha uma taberna na aldeia e punha um par de solas a quem a ele recorresse!...

## António dos Santos

À entrada do povo, lado direito, está um primeiro andar caiado de branco onde vivia o António dos Santos (falecido em Outubro de 1992) que foi, em tempos, dono duma vistosa parrelha de machos que trabalhava a terra com uma velocidade de pasmar!

De vez em quando, o António ia a Lisboa passar uns tempos com sua filha.

## José Mendes e Adelina.

Residentes na Rua Principal, persistem em possuir cabras e trabalham a horta como quase todos os habitantes. José Mendes orgulha-se de, quando jovem, amanho grandes quantidades de terreno e hoje tem lenha que dava para alimentar os fornos de pão e as lareiras de toda a aldeia, durante vários Invernos.

Como a aldeia não tem lojas, são eles que fornecem o gás doméstico aos habitantes da povoação, que, aos poucos, vão entrando na sociedade de consumo.

Recordações e saudades dos rebentos, que habitam noutras paragens, são as principais palavras que transmitem às pessoas que com eles se cruzam na sua semi-abandonada rua.



Escolha de azeitona

## António Dias e Maria da Luz

O mundo deste casal é o Vale de Homem.

António sai de manhã com as cabras e a cadela pastora que dá pelo nome de Luna e lá vai a caminho das pastagens que abundam por aquelas paragens. - Dantes para se conseguir uma pastagem corríamos quilómetros e quilómetros, hoje em dia, logo que saímos de casa, encontramos alimentos com fartura, - lembra o António Dias ao mesmo tempo que espanta uma cabra que tentava saltar para a propriedade alheia.

De regresso a casa, as cabras vêm com as tetas cheias de leite para os filhotes que aguardam o saboroso manjar. É de aproveitar enquanto crescem até às festas da Páscoa. Depois, o leite vai todo inteirinho para os queijos que a Maria da Luz tão bem faz.

As filhas e os netos vivem em Lisboa e vêm muitas vezes visitá-los, o que já não acontece com eles, pois enjoam a andar de transportes.

O genro Jaime, que em tempos foi taxista na Capital, optou pela indústria hoteleira, possuindo um restaurante em Lisboa, perto do Hospital de S.José, que decorou com artesanato da aldeia.

## Manuel Ribeiro

Reformado dos Caminhos de Ferro, vive só. A filha reside no Entroncamento. Gostava de ter um neto para ir caçar com ele, apesar de não ver o suficiente para atirar às rolas!...

Recentemente, participou numa caçada a javalis: - Vieram uns fulanos não sei donde com muitos cães, relatou o Manuel, acrescentando:

- A minha pessoa e outros homens dos arredores, foram convidados para bater latas e assim, juntamente com os cães, batemos uma grande área para afugentar os bichos para perto dos canos das espingardas. Mataram uns três ou quatro, não sei bem!...

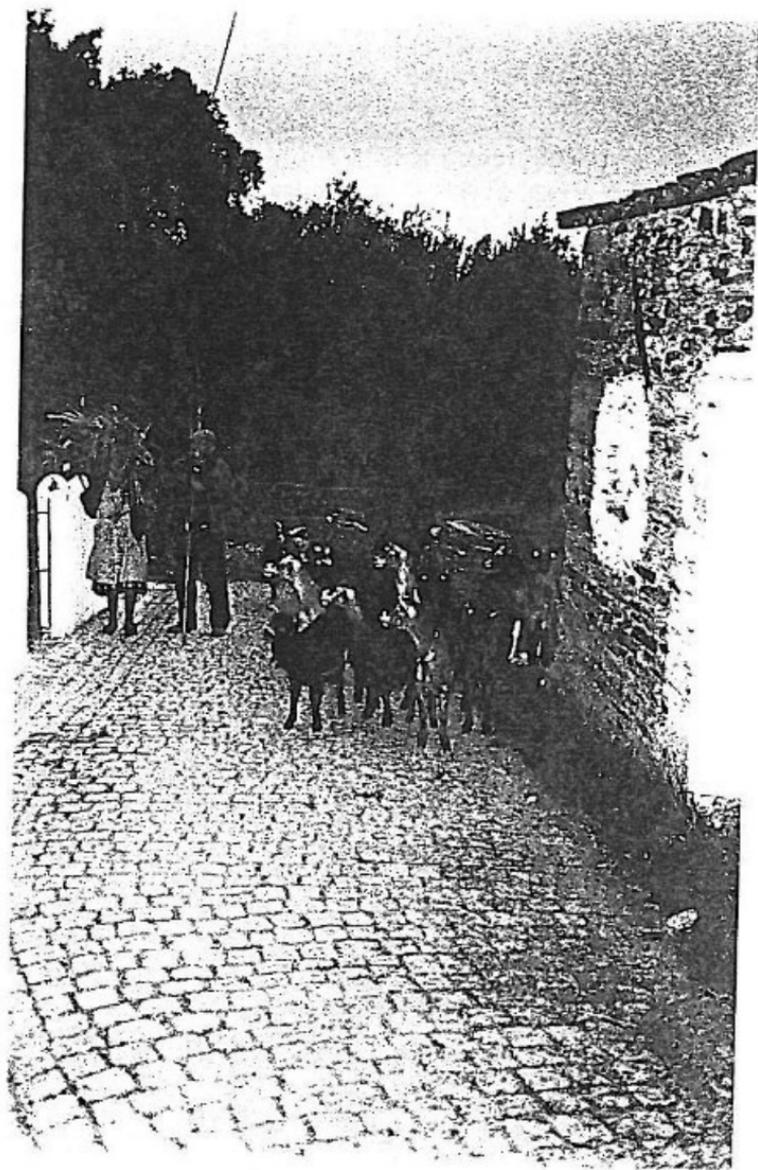
Recordações não lhe faltam. Lembra-se da aldeia estar repleta de homens, mulheres e crianças e custa-lhe que hoje os habitantes sejam só velhos. Recorda gente amiga que partiu para o mundo desconhecido e outros que não sabe se estão vivos, pois saíram da terra já lá vão muitos anos, tais como os irmãos António Fernandes Mendes, Dosilda, Piedade, Assunção e a Ilda Mendes casada com Joaquim Cardoso.

Perguntámos se conhecia um homem que tinha o nome de Joaquim Mendes, que partira para Africa?

- Se o conhecia! Era enfermeiro e tinha dois filhos, um deles andava a estudar para advogado, até joguei às cartas com ele, em Vila Velha de Ródão.

Recorda também o falecido Manuel Ribeiro que tinha o nome dele e que foi capataz de homens e mulheres junto à fronteira Espanhola, durante a Guerra Civil.

Lembra-se de tantas coisas que se entristece ainda mais, por se encontrar sózinho!..



Cabras

## Amaro Dias

É um jovem com os seus 65 anos. Reformou-se da CP, em 1988. Desgostoso com as chefias recém-admitidas que lhe davam ordens descabidas entregou-se desde então ao amanho da terra.

Possui um burro, "o Pequenino", com 8 anos, para os afazeres das propriedades. Cria o porco e galinhas para sua subsistência e do seu pai Zé Dias.

Todos os anos faz a matança do porco e dele retira as tripas para os enchidos e as pernas para presuntos, preparados essencialmente com sal.

Debaixo do telheiro de sua casa, todas as primaveras, um casal de andorinhas faz o ninho. Adora ver o crescimento dos filhotes e sente saudades quando todos juntos se vão embora.

Foi dono dum cão de nome "Leão" que morreu em 1990. Hoje tem o "Poeta", cão de grande porte que possivelmente tem mistura de raça de Serra da Estrela e de Pastor Alemão. De noite, afugenta as raposas e javalis que se aproximam das capoeiras e das hortas; de dia, brinca com os gafanhotos, come e dorme perto dos seus amigos que o tratam bem.

## Aníbal e Rosa

Moram na Rua da Fonte e quem vai refrescar-se, beber ou buscar aquela água leve e saborosa, estando por ali o Aníbal, mete-se com ele e logo a conversa se faz ouvir, quebrando a monotonia do silêncio da aldeia. Diz que a água pode ser muito boa, mas é coisa que ele pouco ou nada bebe.

Comprou dois bocados de terra: - uma de boa terra e a outra repleta de mato. Com muito trabalho e persistência, o Aníbal e a Rosa desbravaram as estevas e tiraram as pedras, cercaram a propriedade para evitar a penetração da bicharada, estrumaram, plantaram árvores e hoje semeiam "montes" de legumes para a sua sobrevivência.

Quem passa por aqueles sítios, sabe dar valor àquele casal, que na maior das calmas, fez um "jardim", onde só existiam pedras e floresta.



" O Leão "

## Luis

Desde sempre andou às voltas com a agricultura e cuidou das cabras até à recente doença que o mandou para o Lar da Santa Casa da Misericórdia, em Vila Velha de Ródão.

No Lar, sente-se perfeitamente bem, pois, além dos amigos que lá foi reencontrar, come bem e conversa até chegar a hora da deita, num quarto alugado, ali pertinho.

De vez em quando, vai ao Vale de Homem matar saudades. Pelo caminho passa pela Barroca dos Chocalhos, antigas minas de cobre, com uma profundidade à volta de cento e cinquenta metros. Quem espreita lá para dentro, através das clarabóias, fica com suores frios. O Luis costumava contar que tinha medo quando ia com as cabras para aqueles sítios. Um dia encontraram ossos por ali perto. Os mais velhos comentam, que deve haver riquezas escondidas, de povos que por lá andaram há mais de cem anos.

## Prazeres Cardoso

Viúva do Manuel Morgado, falecido pouco tempo após o regresso do Ex-Ultramar, esta senhora sente-se perfeitamente integrada.

O veterinário Rui José e a empregada alfandegária Nélinha são os filhos da Prazeres que se entregou à aldeia e tem umas cabritas, para se ir entretendo.

Orgulha-se dos seus seis netos que durante as férias escolares vão para lá passar uns tempos. Um deles, o Leonardo, é Campeão Nacional de Xadrez dos sub-doze.

## Nazaré

Oitenta e oito anos feitos no Lar da Santa Casa da Misericórdia, em Vila Velha do Ródão, são números que pesam na vida duma mulher, vergada pela dureza do trabalho.

Uma "endireita" de Castelo Branco, comentava o seguinte:

- Os melhores enchidos que se comem em todo o

Distrito, são feitos pela Nazaré do Vale de Homem.

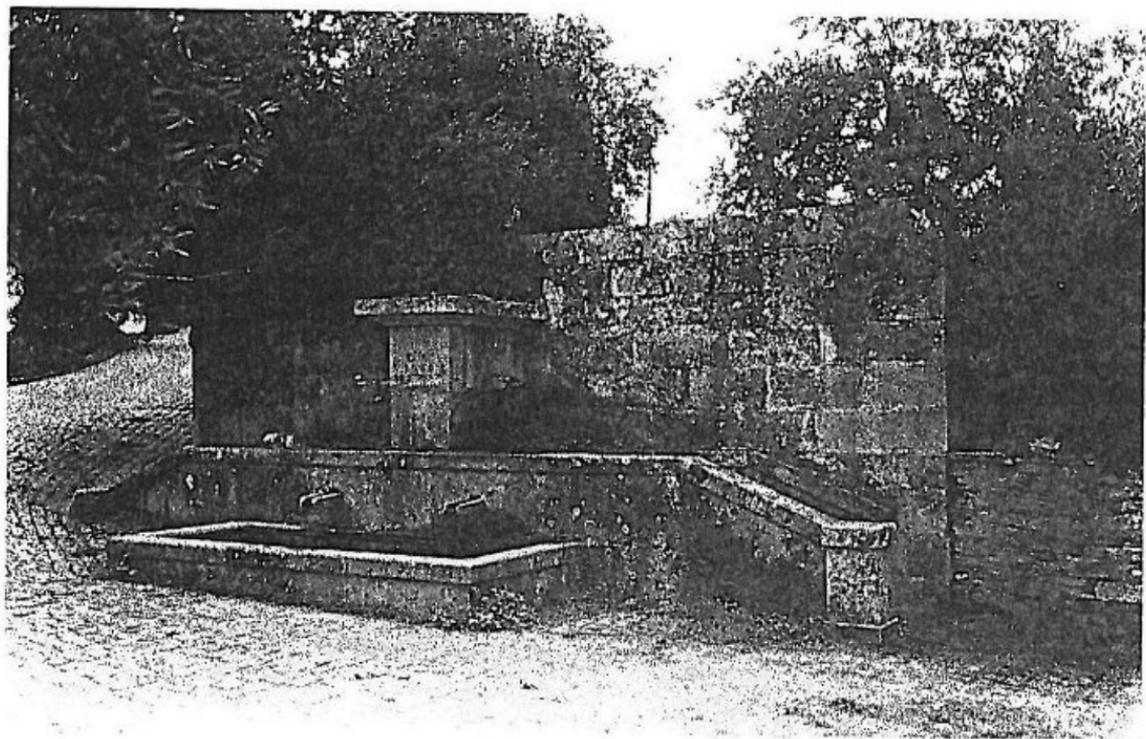
Se não era totalmente verdade, certo era, que os enchidos, queijo e azeitonas preparados por aquela mulher, eram de facto saborosos.

Seu marido, Manuel Ribeiro, falecido com 89 anos, em 1990, era por excelência, o comerciante da casa. Antes de fazer o preço, perguntava como estavam os preços na Cidade. Depois de saber, mudava de humor e mandava a Nazaré pesar os produtos de forma a não falhar um grama e respondia ao cliente:

- É tanto!..

O pagante dava-lhe o dinheiro, enquanto a Nazaré arrumava a balança e o resto dos produtos.

O pessoal da aldeia não gostava lá muito daquele feitio, mas os da Cidade achavam graça e pagavam o preço devido pela qualidade superior das "guloseimas" caseiras.



Chafariz

### Outros habitantes

Não gostaríamos de falhar o nome de ninguém, que em Novembro de 1992, vivesse em Vale de Homem, o que a acontecer, pedimos sinceramente desculpas. No entanto, não poderemos esquecer as seguintes pessoas que vivem um pouco isoladas:

- António Carmona e sua irmã Graciosa. Esta senhora passa parte do seu tempo no Barreiro, em casa de seu filho Leonel.
- Joaquim Dias e Maria Adelaide, que vieram de Lisboa e se dedicam à horta e têm umas cabritas.
- Maria dos Anjos, senhora viúva, lá anda de volta das galinhas e da pequena horta.
- António Gregório que vive só, depois de sua esposa (doente) ter ido para casa de sua filha, no Entroncamento.
- Joaquim Belo Carmona, reformado da Caixa Geral de Depósitos, onde exerceu funções de fiscalização. Vive em Castelo Branco, mas de vez em quando dá um saltinho à Aldeia para "desenferrujar as dobradiças". Teve conhecimento da vinda dum funcionário de Seguros (Lisboa) para Vale de Homem e que o Rui Dinis já comprou ali casa, estando seu primo Miguel e tios também interessados em fazer o mesmo. Ficou satisfeito, assim como a população em geral que vê a aldeia a crescer com "gente boa", como dizem!



O " Poeta " brincando com os primos Rui e Nuno

## FESTEJOS

### CARNAVAL

Quando jovens, mascarados à maneira, percorriam a Aldeia e arredores tocando chocalhos. Enfeitavam os burros e com eles andavam de porta em porta cantando e rindo.

### PASCOA

Este costume ainda hoje se mantém.

Os filhos e netos vêm de longe passar estas mini-férias com os "velhotes". A família reunida come e bebe as especialidades da terra, enquanto conversam sobre o passado e o futuro. Interessante verificar a ternura mútua entre os mais velhos e os novos. Os idosos lembram os tempos da "escravatura", os jovens falam da escola e das deliciosas férias passadas junto dos seus familiares.

No fim das refeições comem os doces da terra e amêndoas da cidade!...

### S.JOÃO

Os idosos lembram este dia com grande saudade. Era nas festas de S.João que os rapazes iam "roubar" os vasos mais bonitos às raparigas solteiras da povoação para enfeitarem a fonte. Ao longe, os pretendentes observavam os movimentos das moças e, por vezes, acontecia enamorem-se!...

### NATAL

Festa familiar e compartilhada pela população local.

Durante a noite inteira a "Fogueira de Natal" não pára de iluminar o Largo das Covinhas. Bebidas caseiras, vinhos, jeropiga, chouriço e pão fazem parte da festa.

Dia 25, à hora do almoço, as famílias reunidas conversam sobre tudo um pouco, não faltando as "filhós do Joelho" e outras guloseimas.

## HISTORIAS, LENDAS E VERSOS

Recordar histórias, lendas e versos, junto das pessoas da terra, são momentos em que atinge a euforia quem viveu vidas de sonho e de trabalho.

O Joaquim Cardoso contou a lenda do nome do Vale de Homem:

- Há muitos anos atrás vivia naqueles sítios um homem que guardava patos e assim ficou sendo o Vale de Homem.

O Celestino Carmona conta a história dum habitante da terra que tinha os enchidos no sequeiro. Durante a noite, os ratos andavam a comer os enchidos e a senhora da casa ao lado tocava numa lata com um pau, fazendo um ruído estranho aos ouvidos do vizinho que pensava serem almas do outro mundo.

A Carminda faz um esforço da sua memória e canta o verso:

- As ruas do Vale de homem  
ao fundo têm um pontão  
onde as meninas passeiam  
para quando à fonte vão!

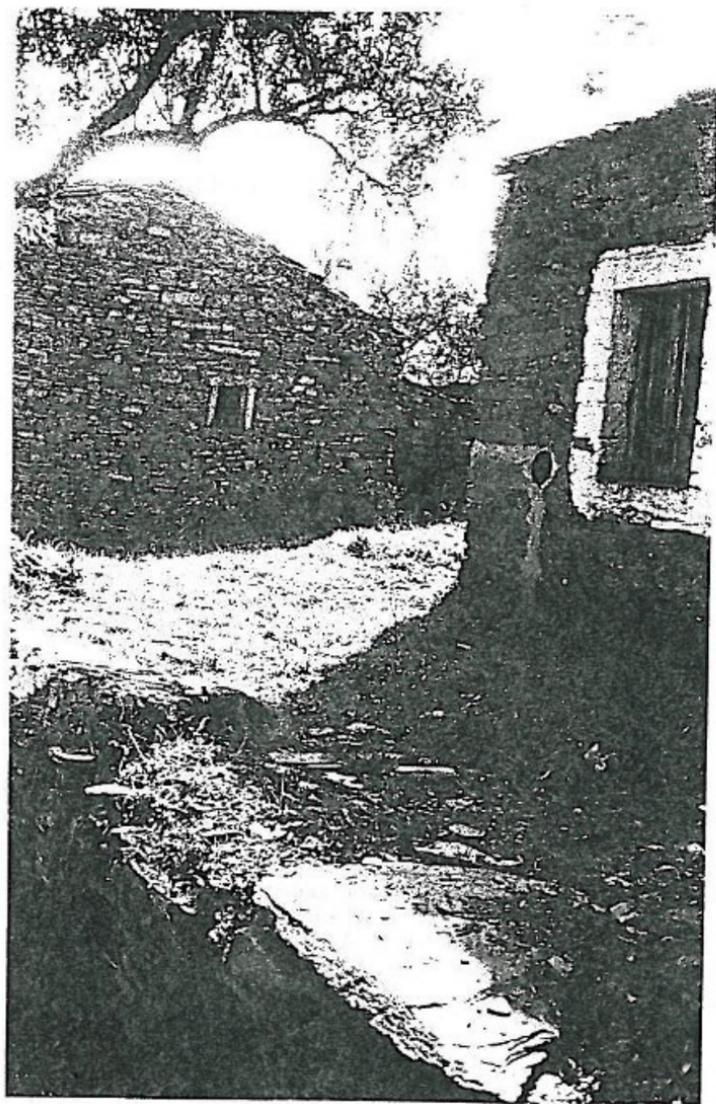
Ilda Mendes conta duas histórias do "medo" ou almas de outro mundo:

- O sogro de Manuel Duque, certa noite, apareceu assustado na aldeia, julgando que "o medo" o estava a perseguir, mas o que na realidade aconteceu foi o cinto que se soltou e, à medida que ia correndo, o arrastar do cinto fazia um barulho estranho. Quando chegou a casa é que reparou no que era!...
- Falava-se que à noite, havia o "medo" na Capela da Nossa Senhora da Paz que lambia o azeite. Um dia de manhã, abriram a porta da Capela e verificaram a presença dum cão.

Antes da morte do marido, a Ilda recordou versos da sua meninice:

- O ruas do Vale de Homem  
arrasadas foras tu  
ou com tiros  
ou com balas  
ou com peidos  
do meu cú!

- As ruas de Vale de Homem  
são altas, más de subir  
quem lá tem os seus amores  
qu'há-de fazer se não vir.
- Deixa lá correr a água  
da bica para o açude  
vamos ver nossa patroa  
se está boa de saúde.
- A alta da faia sombria  
és a mãe da presunção  
quem altos amores toma  
maior queda dá no chão!
- Eu hei-de ir ao S. João  
mas o meu marido não quer  
deixa-o abalar de casa  
que farei o que eu quiser.
- São João mais S. Pedro  
são dois santos mudadores.  
São João muda os casados  
S. Pedro muda os pastores.
- Minha mãe mais a tua,  
ambas vão lavar ao mar  
batem ambas numa pedra  
sem nenhuma se molhar.
- Se fores ao S. João,  
traz de lá um S. Joãozinho;  
se não puderes com o maior  
traz de lá o mais pequenino.
- Se fores ao Alentejo  
traz de lá uma alentejana  
pequenina e bem feita  
mas que saiba fazer a cama.
- Meu amor compra-me um berço  
se não dá-me o teu chapéu  
que eu não posso aguentar  
o calor que vem do céu.



Rua do Ferdigueiro

## GASTRONOMIA DA ZONA

Aqui vão umas receitas especiais:

### SOPAS DE CARNE FRESCA

Parte-se o pão em fatias. Junta-se um raminho de hortelã, deitando o caldo com a massa onde se cozeu o cabrito.

Por fim enfeita-se o prato com o cabrito cozido.

### ENCHIDOS:

#### 1. CHOURIÇOS

- 5 kg. de carne de porco magra;
- 50 g. de dentes de alho;
- 250 g. de colorau;
- 50 g. de pimenta moída;
- 3 l. de vinho branco;
- 2,5 l. de água;
- sal grosso.

Corta-se carne em bocadinhos com cerca de 2 cm. Regam-se com vinho branco e água. Temperam-se com colorau, pimenta e os alhos pisados num almofariz com uma mão cheia de sal. Envolve-se tudo, e se a carne não ficar bem coberta, adiciona-se a quantidade necessária de uma mistura de vinho e água em partes iguais. Deixa-se repousar este preparado durante 3 ou 4 dias. Tem-se a tripa de vaca preparada como para as farinheiras e enchem-se as tripas com a enchedeira picando os chouriços com uma agulha, para lhes retirar o ar, à medida que se vão enchendo. Atam-se e poem-se ao fumeiro a secar durante pelo menos 10 dias. Alouram-se numa frigideira ligeiramente untada, e servem-se.

## 2. MARANHOS

- Estômago (bucha) de um chibato ou carneiro;
- 1,5 kg. de carne de chibato ou carneiro;
- 30 g de presunto gordo e magro;
- 1 chouriço de carne (magro);
- 2 dentes de alho;
- 2 dl. de vinho branco;
- 1 ramo de salsa;
- 1 bom ramo de hortelã;
- 1 kg. de arroz;
- 2 dl. azeite;
- sal;
- 1 limão.

Escolhe-se um bucho grande, lava-se bem em várias águas, quentes e frias, raspa-se com uma faca e esfrega-se com sumo de limão. Corta-se em bocados que se cozem com agulha e linha dando-lhes a forma de sacos. Corta-se a carne, o presunto e o chouriço em bocadinhos. Pisam-se os dentes de alho com sal e juntam-se às carnes. Juntam-se ainda o vinho branco, azeite, o arroz lavado e cru, a salsa e a hortelã finamente picadas. Mistura-se tudo, espera-se para tomar o gosto e depois deita-se o preparado nos sacos, sem os encher muito (para permitir a dilatação do arroz). Fecha-se a abertura dos sacos, cosendo-os com agulha e linha. Introduzem-se os maranhos em água abundante a ferver e temperada com sal e deixam-se cozer.

## DOCES

### TIGELADAS

- 1 l. de leite;
- 8 ovos;
- 250 g. de açúcar escuro;
- 1 colher bem cheia de mel;
- 1 colher de café de canela;
- 1 colher de sopa de farinha;
- 1 casca de limão.

Disolve-se a farinha com leite. A parte mistura-se, sem bater, o mel, o açúcar, a canela, os ovos e a casca de limão. Adiciona-se o leite onde se dissolveu a farinha.

Entretanto já se tem ao forno os tachos de barro vidrados, bem untados com azeite. Sabe-se que a temperatura do tacho é indicada quando se ouvir chiar. Nessa altura e sem retirar o tacho do forno deita-se o preparado.

Deixa-se cozer até ficar com a consistência dum pudim.

### FILHÓS TENDIDAS NO JOELHO

- 1 kg. de farinha;
- 50 g. de pão em massa;
- 2,5 dl. de azeite;
- 6 ovos;
- leite;
- sal;
- açúcar;
- canela;
- azeite para fritar;
- farinha para tender.

Peneira-se a farinha para um alguidar e escalda-se com azeite a ferver. Misturam-se os 2 elementos. Num canto do alguidar dissolve-se o pão em massa, com um pouco de leite tépido ou de água tépida e sal. Juntam-se os ovos, o leite e o sal. Deixa-se levedar. Tendem-se depois pequenas porções de massa (no joelho) com a ajuda de farinha. Fritam-se em azeite e polvilham-se com açúcar e canela.

## BOLA DE AZEITE

Massa de farinha de trigo com fermento e sal. No fim da massa fermentada, juntam-se os ovos (uma dúzia) e 1,5 kg. de açúcar. Moldam-se depois pequenos bolinhos e leva-se ao forno.

## BISCOITOS

- 6 Ovos;
- 1/2 l. azeite;
- 100 g. açúcar;
- farinha;
- 1 colher de sopa de aguardente.

Misturam-se os ovos, com açúcar, azeite e aguardente. Em seguida começa-se a juntar a farinha e a massa, devendo a massa ficar muito trabalhada. A quantidade de farinha depende do tamanho dos ovos. A massa deve estender-se com facilidade, tendo-se os biscoitos em forma de T e levam-se a cozer em forno quente, em tabuleiros polvilhados com farinha.

## BOLO DE CANELA

- 2 Ovos;
- 2 chávenas de açúcar;
- 1 chávena de leite;
- 1 chávena de azeite;
- 1 chávena de farinha;
- 1 colher de chá de canela;
- 1 colher de chá de bicarbonato.

Batem-se os ovos com o açúcar. Junta-se o azeite e bate-se. Junta-se o leite e a canela, e bate-se. Peneira-se a farinha com bicarbonato e mistura-se rapidamente ao preparado anterior. Leva-se a cozer em forno médio numa forma com buraco, untada e polvilhada.